



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUSIII - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA CARLA DIAS MEIRELES

**IDENTIDADE E ASPECTOS CULTURAIS EM
*O ALEGRE CANTO DA PERDIZ***

GUARABIRA
2015

ANA CARLA DIAS MEIRELES

**IDENTIDADE E ASPECTOS CULTURAIS EM
*O ALEGRE CANTA DA PERDIZ***

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra.

GUARABIRA
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M453i Meireles, Ana Carla Dias

Identidade e aspectos culturais em O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane [manuscrito] / ana Carla Dias Meireles. - 2014.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Rosilda Alvez Bezerras, Departamento de Letras".

1. Identidade. 2. Feminino. 3. Cultura Moçambicana I.
Título.

21. ed. CDD 960

ANA CARLA DIAS MEIRELES

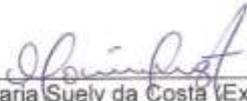
**IDENTIDADE E ASPECTOS CULTURAIS EM
O ALEGRE CANTO DA PERDIZ**

Monografia apresentada ao Departamento
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em Letras.

Aprovada em 10 de julho de 2015

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB)


Profª Drª Maria Suelly da Costa (Examinadora/UEPB)


Profª Drª Maria Neni de Freitas (Examinadora/UEPB)

Aos meus pais, que amo incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pois acredito que sem Ele nada é possível.

Ao meu pai, minha mãe e minha irmã que são o infinito que há em mim, que me deram amor, que sempre apoiaram minha decisão de cursar Letras pelo amor à profissão, por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis da graduação.

Ao Alex, que além de esposo é meu amigo, meu conselheiro, meu amor. Que está disposto a me escutar, ajudar e entender sempre que preciso.

À Liliane e Lorena, por estarem comigo em todos os momentos importantes.

Aos meus amigos da graduação: Ana Caroline, Jobson, Marcelo, Janaína e Rony, por acreditarem em mim e pelos momentos incríveis proporcionados nessa caminhada do curso de Letras.

Aos meus professores da Graduação, por todo o conhecimento adquirido através das aulas.

Aos meu queridos professores e amigos João Paulo Fernandes e Rosângela Neres, por termos construído um vínculo de amizade que vai além da sala de aula, por estarem presentes em momentos importantes nesses 4 anos de graduação, por me darem conselhos tão sábios.

À minha orientadora, Prof^aDr^a Rosilda Alves, por seu empenho e dedicação nesta orientação, desde a pesquisa do PIBIC.

A Paulina Chiziane, por me fazer refletir e sentir cada palavra escrita em *O alegre canto da perdiz*.

A tantas Delfinas, Marias das Dores, Serafinas que foram maltratadas, massacradas, que perderam seus filhos no período da colonização, que até hoje lutam por um espaço na sociedade.

Se ela tivesse sido uma boa menina, seria apenas uma mulher entre as outras. Sem história. Anónima. Que nasceu, pariu e morreu. Mas ela é marco.

(Paulina Chiziane)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o romance intitulado *O alegre canto da perdiz*, da autora moçambicana Paulina Chiziane. Analisaremos os aspectos culturais e a construção da identidade feminina a partir da invasão dos 'brancos' nas terras habitadas por tais personagens, que diante da submissão imposta por eles precisaram lutar para obter seus direitos e ocupar um espaço na sociedade. A pesquisa tem aporte teórico nos estudos literários e culturais, que irão apontar como as personagens femininas conseguiram sobreviver em uma sociedade que colocava a mulher negra como escrava, sem direito algum, abrindo mão de sua própria cultura para absorver aspectos culturais de um povo estrangeiro. Tendo como base nos estudos de Bauman (2005), Zuleide Duarte e Rosilda Alves (2014), Hall (2005), Cabaço (2007), Carmem Secco (2010), Padilha (2007), Miranda (2011), dentre outros, que discutem os aspectos culturais presentes na obra e a construção da identidade nas literaturas africanas.

Palavras-Chave: Identidade. Feminino. Cultura moçambicana.

ABSTRACT

This study aims to analyze the novel entitled *The merry corner of Partridge*, the Mozambican author Paulina Chiziane. We analyze the cultural aspects and the construction of female identity from the 'whites' invasion in the lands inhabited by such characters, who before the submission imposed by them had to fight for their rights and occupy a space in society. Research has theoretical support in literary and cultural studies, which will indicate how the female characters have managed to survive in a society that placed the black woman as a slave with no rights at all, giving up their own culture to absorb cultural aspects of a foreign people. Based on studies by Bauman (2005), Zuleide Duarte and Rosilda Alves (2014), Hall (2005), Gourd (2007), Carmen Secco (2010), Padilla (2007), Miranda (2011), among others, that discuss cultural aspects present in the work and the construction of identity in African literature.

Keywords: Identity. Female. Mozambican culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 <i>O ALEGRE CANTO DA PERDIZ</i>: ASPECTOS CULTURAIS DE MOÇAMBIQUE	13
2.1 METÁFORA DA ZAMBÉZIA NA HISTÓRIA MOÇAMBICANA: A HISTÓRIA DE LUTA DAS MULHERES	17
3 AS MULHERES DE <i>O ALEGRE CANTO DA PERDIZ</i>	19
3.1 DELFINA, A MULHER DETERMINADA, E O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO CULTURAL.....	21
3.2 MARIA DAS DORES, A MULHER DE VÁRIAS DORES.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	2930
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, resultado de uma pesquisa do PIBIC realizada entre os anos de 2013 e 2014, tem por objetivo analisar a obra *O alegre canto da perdiz* (2008) da autora moçambicana Paulina Chiziane que nasceu em 1955, em Manjacaze, Moçambique. Considerada a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, *Balada de amor ao vento*, em 1990, não conseguiu concluir os estudos superiores. Atualmente a escritora vive e trabalha na Zambézia, além de ser convidada a participar de feiras de livros e lançamentos de livros em vários países de língua portuguesa. Publicou cinco romances pela Editora Caminho, em Lisboa. Estudou Linguística, em Maputo. Ficcionalista, com vários contos editados na imprensa (Domingo, na «Página literária», e na revista Tempo).

A escritora é reconhecida pelo seu trabalho literário, que nos permite uma reflexão sobre assuntos considerados conflituosos na história cultural africana, entre outros temas que ninguém que ouvir falar ou debater. A autora possibilita adentrar na história moçambicana através do romance escolhido para esta pesquisa, *O alegre canto da perdiz* (2008), que conta a história do período de colonização, especialmente em Moçambique.

O romance narra a história de Delfina e Maria das Dores, respectivamente mãe e filha, que têm suas vidas marcadas devido ao processo de colonização. A primeira luta por um espaço na sociedade, vai contra seus pais, sua cultura e seu povo. Vende sua filha, Maria das Dores, em troca de um feitiço para conseguir dinheiro.

Buscamos analisar os aspectos culturais presentes na obra, para que pudéssemos compreender como se deu o processo de assimilação. Posteriormente, estudamos o processo de formação de identidade feminina vivenciado pelas personagens da narrativa. Vimos como tais aspectos eram expostos no romance, e de que forma essas consequências afetaram as mulheres.

O estudo desenvolvido propõe analisar como as personagens femininas utilizam estratégias para sobreviver e permanecer em uma sociedade dividida entre aspectos culturais impostos pelos colonizadores e as tradições do seu povo.

Podemos perceber várias metáforas utilizadas pela autora para descrever a invasão dos colonizadores na sua terra. Paulina Chiziane destaca o sofrimento de

um povo escravizado, tendo que abandonar tudo o que mais amavam para poder sobreviver em uma sociedade patriarcal, que havia deixado de ser deles. O processo de construção de identidade foi dolorido, mas houve quem pudesse entoar um alegre canto, como o de uma perdiz, com o final do processo de colonização.

Nossa pesquisa está dividida em dois momentos de análise. No primeiro discorreremos sobre os aspectos culturais presentes na obra, visando compreender as mudanças que ocorreram para que os assimilados pudessem ser reconhecidos como participantes da nova sociedade que estava se formando. No segundo momento buscaremos estudar as mulheres que são protagonistas do enredo buscando compreender como as personagens femininas conseguiram construir uma nova identidade a partir da assimilação de uma nova cultura, problematizando os processos pelos quais elas tiveram que passar, sem com isso provocar o desrespeito para com a sociedade africana onde estão inseridas.

2 O ALEGRE CANTO DA PERDIZ: ASPECTOS CULTURAIS DE MOÇAMBIQUE

O romance *O alegre canto da perdiz*, Paulina Chiziane narra os fatos sobre aspectos culturais de Moçambique ao realizar associações entre a África e a Zambézia, como centro dos acontecimentos da narrativa, e as mulheres, personagens marcantes do romance, que são exploradas e dominadas pelos colonizadores, como aconteceu com o povo africano. Sobre a história colonial no continente africano, Kwame Anthony Appiah (2008, p.116) argumenta:

(...) o africano sempre pergunta, não “quem sou eu?”, mas “quem somos nós?”. “Meu” problema não é apenas meu, mas “nosso”. Essa constelação particular de problemas e projetos não é encontrada com frequência fora da África: uma história colonial recente, uma multiplicidade de variadas tradições locais subnacionais, uma língua estrangeira cuja cultura metropolitana tradicionalmente definiu os “nativos” como inferiores, por sua raça, e uma cultura literária ainda basicamente em processo de formação.

Diante de tanta dificuldade a mulher luta por um espaço dentro daquela sociedade que condenava seus hábitos, religiões, sua comida, seus aspectos culturais, até mesmo a escolha do nome dos seus filhos. Percebemos o poder da mulher descrito em uma das personagens principais da narrativa. Delfina sofre esse tipo de preconceito, mas, utiliza de estratégias femininas para sobreviver e alcançar seus objetivos, que era tornar-se uma senhora perante a sociedade imposta pelos colonizadores. Delfina representa o tipo de mulher que não mede esforços para conseguir aquilo que deseja, por mais que seja doloroso. “Sou uma boa negra para um homem branco. Quero mostrar que uma negra pode ser gente e pode ultrapassar as barreiras entre as raças” (CHIZIANE, 2008, p. 213).

Maria das Dores, filha de Delfina, também se destaca como uma das personagens principais. Das Dores sofre preconceito dentro da própria casa, por sua mãe. Delfina dá a virgindade de sua primogênita em troca de prosperidade em seu negócio de pão. A partir deste ato a vida de Maria das Dores toma outro rumo. Desprezada pela mãe, separada dos irmãos queridos, passa a sofrer e perder tudo o que lhe restava.

Morre tudo naquele instante. A infância. A inocência. Apagam-se todas as estrelas em sinal de luto. O acto violento, frio, com todos os

requisites de um martírio. Maria das Dores estava a ser violada. Extraviada. Roubada. Uma menina submetida à sádica obsessão daqueles que a deveriam amar (CHIZIANE, 2008, p. 256).

Maria das Dores e Delfina representam a própria Zambézia, sendo violada, roubada, pelos invasores. Mas, ao mesmo tempo, são mulheres fortes. Delfina com sua segurança e vontade de alcançar um lugar naquela sociedade que a despreza. Maria das Dores vive seus momentos de loucura, contudo luta para ter seus três filhos de volta em seu seio.

O ambiente da narrativa é descrito como uma terra encantada, berço das gerações, como a terra mãe dos personagens. “Chiziane reconstrói o passado da região da Zambézia, onde estão localizados os Montes Namuli, local de resistência contra o colonizador, e descrito miticamente como berço da humanidade na obra” (MIRANDA, 2011, p.08). É aos pés dos Montes Namuli, que os personagens se reencontram e reorganizam suas vidas.

Como é mostrado no decorrer da narrativa, as marcas foram deixadas no solo moçambicano/ africano e no corpo e a alma do povo colonizado. Chiziane consegue representar muito bem esses fatos ao narrar as violências que Delfina e Maria das dores sofrem, à busca pelo espaço roubado, por uma boa vida para seus filhos. Mas, depois de um longo período de guerra, o povo consegue enfim sua liberdade de volta: “A escravatura acabou e não voltará nunca mais! Somos independentes. Vencemos o colonialismo. O palmar também viverá. Vencerá!” (CHIZIANE, 2008, p. 331).

Em *O alegre canto da perdiz*, Paulina Chiziane nos mostra uma riqueza de detalhes perceptíveis nos aspectos culturais. Percebemos que marcam a história de vida das personagens. A narrativa divide-se em duas culturas étnicas: os negros e os brancos com suas culturas diferenciadas, provocando, assim, guerras entre os dois povos.

Chiziane teve o cuidado de escolher um dos territórios em que os corpos militares africanos eram os mais importantes de Moçambique para então narrar à degradação de um povo e sua libertação. “Em Moçambique, os mais famosos corpos militares africanos ao serviço de portugueses foram, sem dúvida, os *A-Chicunda*, braços armados dos senhores dos Prazos, na Zambézia” (CABAÇO, 2007, p.352) [grifos do autor]. Os portugueses chegaram com suas embarcações início do ano de 1498. Ao encontrarem as riquezas daquele lugar desejaram ter o

poder daquele pedaço de chão que já trazia marcas de um povo guerreiro, queriam ter as mulheres negras ao seu lado, pois elas eram “fogosas”, satisfaziam os desejos sexuais deles e davam a oportunidade de criarem uma nova elite local, denominada a elite dos mulatos. Em *O alegre canto da perdiz*, Chiziane descreve o momento da chegada dos portugueses em Moçambique.

Era uma vez uns navegadores que se fizeram ao mar. Iam a caminho da Índia, em busca de pimenta e piri-piri, para melhorar o paladar das suas refeições de bacalhau e sardinha. Quando passavam pelo Oceano Índico, começaram a sentir vontades. De repousar. Ou de urinar. De pisar em terra firme e olhar para o mar. Talvez. Ou foram atraídos pelo maravilhoso canto das sereias. Atracaram (CHIZIANE, 2008, p. 127).

Ao depararem com uma terra rica sentiram logo a necessidade de explorar sua riqueza, visando um comércio com ampla variedade de produtos, algumas vezes até denominados exóticos para eles: “(produtos agrícolas ‘exóticos’, marfim, penas de avestruz, ouro, prata, especiarias, etc) e, mais tarde, para o tráfico de humanos, que se tornaria atividade predominante” (CABAÇO, 2007, p.28).

Depois da ocupação dos portugueses no decorrer do século XVII, Portugal decidiu alugar terras localizadas nas regiões do Vale do Zambeze, Sofala e ilha Querimba. Essa espécie de arrendamento tinha a duração de três gerações, mas eles precisavam garantir que todos os ocupantes da terra precisavam ser submissos à Coroa portuguesa.

que para receber o direito de uso das propriedades, os colonos deveriam se encaixar em algumas regras, tais como: ser europeu, pagar impostos, prestar serviço militar periódico e fazer uso de escravos para conquistar povos vizinhos (MACAGNO *apud* COSTA, 2013, p. 16).

Os portugueses marcaram de forma trágica a história de vida dos africanos. Iniciaram o sofrimento em uma terra que anteriormente era marcada pelo prazer da vida. “Os marinheiros invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada” (CHIZIANE, 2008, p. 62).

Os negros transformam-se em escravos e passam a servir os brancos. Mas, alguns carregavam a vontade de ter os privilégios que eles ofereciam para aqueles que decidissem tornar-se assimilados. Alguns sentiam que esse era um processo de humilhação, por isso relutavam contra esse desejo. “A participação dos nativos no

exercício era apresentada, então, como instrumento privilegiado do início do processo de *assimilação*” (CABAÇO, 2007, p.353) [grifos do autor].

Os assimilados deixavam sua cultura e passavam a viver o que os brancos impuserem para suas vidas.

Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhecer as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar. Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos (CHIZIANE, 2008, p. 117).

Quando chamados para lutar contra o próprio povo, a própria raiz, sentiam na pelo o peso de guerrear contra seus próprios irmãos. Percebemos tal afirmação na narração da primeira luta do personagem José dos Montes.

Do esconderijo, José ouve sons. Cantigas. Sons que eram parte da sua vida, parte de si próprio, do seu passado, daqueles cantos que transcendem os ouvidos e se escutam pelo sangue, pela alma, como a invocação dos antepassados (CHIZIANE, 2008, p. 127).

Depois de algum tempo, José dos Montes consegue adaptar-se a sua nova diligência e torna-se um dos melhores sipaios que já existiu. Segundo Costa (2013), após esse processo da política assimilacionista portuguesa em Moçambique, provocou o apagamento da identidade do sujeito colonizado. Chiziane arremata essa incorporação de um novo homem na seguinte citação: “sentada na cama, Delfina observava o marido a mudar de identidade como uma cobra na mudança da estação” (CHIZIANE, p. 118, 2008).

HomiBhabha, em *O local da cultura* (2007, p.21), revela o seguinte:

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Assim, podemos observar que o processo de adequação a nova identidade acontecia aos poucos, mas quando menos imaginava-se o homem negro tornava-se

um daqueles que ocuparam e destruíram “as sereias” que tanto trazia orgulho para aqueles nativos.

2.1 METÁFORA DA ZAMBÉZIA NA HISTÓRIA MOÇAMBICANA: A HISTÓRIA DE LUTA DAS MULHERES

Ao analisarmos a obra *O alegre canto da perdiz* nos deparamos com uma verdadeira história de luta. Percebemos o quanto foi difícil ter sua terra invadida, seus filhos roubados, seus homens obrigados a lutarem contra seus irmãos de nacionalidade, suas mulheres serem violadas pelos “brancos”, sua raça ser menosprezada por causa da cor e sua cultura.

De acordo com Miranda (2011), Paulina Chiziane metaforiza através da Zambézia a reelaboração da história moçambicana. A autora nos conta a história de luta de um povo por meio da vida dos personagens. Delfina, mulher forte e decidida. Abre mão do amor de José dos Montes, da filha Maria das Dores e não se importa com a destruição da família do Soares. Ela apenas deseja um lugar na sociedade que a desvalorizava. “Como os bombardeiros, destruí meu ninho em pleno voo mas superei em liberdade todas as mulheres do mundo” (CHIZIANE, 2008, p. 324).

Maria das Dores sinônimo de superação e perseverança. Ao perder seus filhos e iniciar um processo de loucura, ela é desprezada pela sociedade que a considera louca. Anda vagando pelas ruas da Zambézia sem destino, procurando um lar que lhe proporcionasse sossego, procurando o lar que nunca tinha encontrado. Desejando estar ao lado de seu pai, sua mãe, e principalmente, seus filhos.

Alberto Oliveira Pinto, em seu artigo ‘O colonialismo e a coisificação da mulher’, diz que “a mulher africana foi sempre encarada pelos colonos portugueses tão somente enquanto um instrumento de dominação sobre os espaços e sobre os homens colonizados” (PINTO, 2007, p. 48). É exatamente essa relação de poder que ocorre no romance. Ou seja, nesta narrativa as mulheres moçambicanas passam por vários sofrimentos, mas percebem neste universo machista que o controle de suas vidas, ainda está submetido às questões tradicionais.

José dos Montes, homem forte e amante do seu povo, deixa sua cultura de lado, seus hábitos e começa a fazer parte de uma sociedade imposta por invasores,

homens que buscavam extrair apenas as riquezas daquele lugar. De acordo com Costa (2013), uma das estratégias usadas pelos invasores era desestruturar a sociedade, evitando a formação de grupos de resistência ao poder colonial. José fez parte do exército colonial e lutou contra seus irmãos. Mesmo diante de tamanho arrependimento, ele tornou-se um *sipaio* de destaque e logo subiu de cargo.

Percebemos que o período de colonização mexeu com toda a estrutura da sociedade, fazendo com que os próprios colonizados guerreassem contra seu povo, seus costumes. As mulheres, utilizando de estratégias peculiares, lutaram pela ocupação de um espaço naquela sociedade que estava em estágio de formação. Mesmo diante tanta dificuldade não desistiram e buscaram melhores condições de vida.

Esta narrativa revela a ação destrutiva do colonizador no espaço moçambicano, que associado à instabilidade dos sistemas autóctones de organização social, fragilizou a condição da mulher. Paulina Chiziane desenvolve um enredo no qual representa o sofrimento de mulheres que buscavam o seu espaço em determinadas sociedades africanas, e o sofrimento causado pelas invasões dos colonizadores em África, principalmente na região de Moçambique.

3 AS MULHERES DE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Paulina Chiziane consegue descrever a mulher como uma figura forte, que mesmo em meio ao sofrimento do dia-dia, a sua vida amarga, canta e encanta, sonha e vai à luta, mesmo não tendo mais esperanças em sua raça.

O enredo de *O Alegre canto da perdiz*, tem como personagens mulheres que são submetidas à tentativa de sobrevivência em uma sociedade que as menosprezava, dando-lhes o mínimo de direito possível. Um dos principais motivos era a cor de sua pele, a sua condição de colonizadas, submissas as vontades do povo que antes era desconhecido por 'seu povo'.

Como uma das personagens principais temos a negra Delfina, que vive uma vida marginalizada, impossibilitada de realizar seus desejos mais ocultos, por culpa daqueles que deviam respeitá-la pelo fato dela ser uma mulher forte, decidida, que não mede esforços para alcançar seus objetivos.

O romance apresenta a história de mais duas personagens: Serafina e Maria das Dores (mãe e filha da protagonista). Podemos observar que, mesmo que o enredo não esteja organizado em um tempo cronológico, evidencia-se uma linearidade da vida de Delfina. Onde vemos o conflito dessas três gerações.

Podemos observar no decorrer da narrativa o sofrimento que a colonização trouxe para as personagens.

Paulina Chiziane é a construção da identidade moçambicana que segue um percurso decisivo e definitivo que desconstrói a imagem da mulher vítima, silenciosa, objeto sexual, excluída, oprimida e subalternizada. Dessa forma, há uma reconstrução da imagem feminina, que após o lamento busca levantar-se, e erguer a cabeça transformando aquele espaço subjugado no seu lugar de domínio; a sua terra, sua casa, sua família, sua aldeia e o seu país (DANTAS, 2011, p. 19).

A personagem Delfina define perfeitamente a citação acima, pois mesmo sendo considerada inferior ela conseguiu obter seu espaço naquela sociedade, mesmo que para isso precisasse negar suas origens, seu povo, sua própria família.

Zuleide Duarte (2008), descreve bem o posicionamento de Delfina em meio a sociedade que as mantinham como submissas:

Essa mulher sem identidade deflagra a narrativa de uma casa de mulheres cujo corpo serviu de moeda de troca na luta por sobrevivência. Maria das Dores, nome atribuído por Delfina, mãe

negra que não hesitou em trocá-la ainda adolescente por feitiçarias realizadas por Simba, um de seus amantes. Queria luxo. Cremes, roupas de renda, azeitonas, bacalhau. Vida de branca, senhora, sinhá. Desprovida de escrúpulos, Delfina não hesitou em oferecer a virgindade da filha em prol da realização de um sonho antigo: abrir um prostíbulo e oferecer raparigas virgens por encomenda (DUARTE, 2008, p. 222).

Serafina, mãe de Delfina, sonha em casar a filha com um branco, para que ela possa ter uma boa vida, desfrutando dos prazeres que eram negados para elas. Em meio a tantas desgraças que ocorrem com Serafina, tendo os filhos levados para longe de seio familiar, para terras estranhas, sendo levados como bichos, ela deixa de acreditar na própria raça, no próprio povo.

Alguma vez perguntaram o que sente uma mãe ao ver os filhos partir para a escravatura? E tu, Delfina, escolhes os caminhos do sofrimento. Vais casar com um preto, parir mais pretos e mais desgraças. Com tantos brancos que te querem bem. Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade (CHIZIANE, 2008, p. 101).

Serafina não pode ter o sentimento maior que qualquer ser humano pode ter ou receber, o amor. Ela perdeu as esperanças por causa da violência que assolava suas terras com a colonização:

— O que é o amor para a mulher negra, Delfina? Diz-me: o que é o amor na nossa terra onde as mulheres casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é o amor para a mulher violada a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro ou um condenado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. A mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebês de verdade, a partir dos doze anos. A conversa de amor e virgindade é para as mulheres brancas e não para as pretas. [...] É por isso que para nós, negras e pobres, o amor e a paixão deveriam ser proibidos (CHIZIANE, 2008, p. 96).

Podemos afirmar que o silêncio tomou conta da voz feminina, pois as mulheres perderam seus direitos, elas não eram vistas como mulheres, elas eram vistas como objeto sexual.

Para que elas pudessem sobreviver naquela sociedade que escravizava, inferiorizava a mulher era preciso utilizar de estratégias femininas. Seduzindo

marinheiros, homens brancos, pois só assim era possível ocupar um espaço no meio do povo.

Paulina Chiziane consegue captar o sofrimento da mulher moçambicana, que vê seu filho partir com um destino incerto, que chora todas as noites por causa da ausência do marido que foi levado por não aceitar ser submetido a uma cultura diferente da sua. Mas ela também narra com destreza a mulher forte que luta por um espaço em meio a sociedade, que vai além das suas possibilidades para lutar pelos seus direitos usurpados.

3.1 DELFINA, A MULHER DETERMINADA, E O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO CULTURAL

Delfina é uma das personagens principais da narrativa. Encanta, com sua beleza, os negros e brancos. Ela despreza sua raça, faz com que José dos Montes, seu primeiro marido, torne-se um assimilado, negando suas origens. Ele, com medo de perdê-la, entra para o exército e torna-se um sipaio de destaque. Ela acaba traindo José dos Montes deitando-se e tendo uma filha com Soares, branco que acabou lhe dando a vida que sempre desejou. Vende sua filha Maria das Dores, torna-se dona de um prostíbulo, ganha apenas o desprezo de sua filha Jacinta e fica sozinha.

É importante destacar Serafina, mãe de Delfina, praticou ação semelhante à da filha. Depois de perder seus filhos na guerra, seu esposo não aceitou ser assimilado, então ela decidiu vender a virgindade da própria filha – ato praticado também praticado por Delfina – em troca de sobreviver naquela sociedade que não aceitava o negro em um patamar de destaque.

Serafina sonhava que sua filha casasse com um branco e pudesse ter um filho mulato para que todos passem a gozar de alguns privilégios dentro da sociedade. Mas Delfina apaixonou-se por José dos Montes, um negro, e os sonhos de sua mãe não foram concretizados, pois eles decidiram casar-se.

Algumas vezes perguntaram o que sente uma mãe ao ver os filhos partir para a escravatura? E tu, Delfina, escolhes o caminho do sofrimento. Vais casar com um preto, parir mais pretos e mais desgraças. Com tantos brancos que te querem bem. Não custa nada

eliminar a tua raça para ganhar a liberdade. (CHIZIANE, 2008, p. 101).

Diante de tal citação não podemos questionar o amor que Serafina sentia por sua filha. Ela apenas desejava que Delfina não tivesse o mesmo destino de tantas mulheres negras moçambicanas, o sofrimento. “Para Serafina, o fato de Delfina casar-se com José dos Montes invalidaria qualquer possibilidade de romper com o destino que cabia à mulher negra: sofrer” (SANTOS, 2010, p. 59).

A partir desses acontecimentos podemos entender o porquê das atitudes tomadas por Delfina. Suas atitudes são reflexos dos atos da sua mãe. Essas mulheres foram marcadas por uma série de invasões não só de terra, mas de invasões pessoais, no seu eu, nos seus conceitos, nos seus modos de viver e ver a vida.

Delfina não segue muitas normas estabelecidas naquele tempo, procura melhorias de vida para ela. Deseja, de toda forma, garantir um status de vida considerado privilegiado dentro do sistema colonial. Mas, ela segue o seu querer, faz suas vontades e não o que foi imposto pela mãe. Delfina é uma mulher livre.

[...] Foi a primeira negra em casa electrificada. A primeira com uma casa de cimento coberta de zinco no bairro dos negros. Foi dela o primeiro homem branco a residir no bairro dos negros. Foi ela a primeira negra a residir no bairro dos brancos. Os mais velhos suspiram por ela: Delfina, como era bela! Delfina, a rainha! Que desafiou brancos, desafiou o sistema, entrou na guerra, ganhou e perdeu, e pela vida se perdeu. Por isso a sua vida foi transformada em canto, em conto, em poema. Ela é parábola e ditado. Provérbio. Esta é Delfina. (CHIZIANE, 2008, p. 268).

A personagem usa o seu corpo para manipular o homem, buscando benefícios para si. “Embora o poder de ação seja uma atribuição masculina, as atitudes do homem, muitas vezes, são conduzidas pela perspicácia feminina” (GUARDIA, 2010, p. 241). Talvez, essa seja a única maneira da mulher conseguir um espaço na sociedade, principalmente, quando ela se encontra inserida em um patamar inferior se igualado as mulheres dos colonizadores.

Delfina era pobre, negra e analfabeta, o que não era aceitável para a nova sociedade que se formava, mas ela consegue realizar seus desejos e torna-se a primeira mulher a casar-se com um branco e ter o que muitas desejavam, mas não conseguiam alcançar. Ela mostrou a todos que era possível, mesmo em meio a

tantos preconceitos, tantos julgamentos, tantas perseguições, conseguir tornar-se uma senhora da sociedade. Delfina era a própria Zambézia lutando por liberdade.

Delfina vê em si uma heroína. Não encontra nenhum mal em todos os seus actos. Deu uma lição a toda a gente. Mostrou que negra é gente, pode amar o branco e construir família. Inverteu as regras do jogo. Se ela tivesse sido uma boa menina, seria apenas mais uma mulher entre as outras. Sem história. Anónima. Que nasceu, pariu e morreu. Mas ela é marco. (CHIZIANE, 2008, p. 268).

Diante da citação acima podemos notar o quanto as atitudes tomadas por Delfina serviram de exemplo, mesmo indo contra o que era imposto pela sociedade. É importante ressaltar que os brancos não apoiavam o casamento entre uma negra e um branco, mas Delfina conseguiu desviar-se de todos os impedimentos para viver o seu grande sonho. Casada com Soares, Delfina então vive seu grande sonho, torna-se uma mulher da sociedade, vive uma boa vida, tem seus filhos mulatos. Ela consegue tornar-se um grande mito diante de todas aquelas mulheres. Sou a primeira negra a viver na cidade alta, ao lado dos brancos. Estou no dilúvio da fortuna, agora sou rica, gurué, gurué!”(CHIZIANE, 2008, p. 223).

Depois de viver, por um tempo, sua paixão com Soares ele decide deixá-la, pois começa a sentir saudades de sua primeira esposa. “Mas sabia que este passo não ia dar certo, porque mais dia menos dia eu teria saudades de ti e dos nossos filhos” (CHIZIANE, 2008, p. 233). Delfina desespera-se, pois ela não quer perder seu homem branco, seus privilégios, ela não quer perder sua grande conquista. Então, a mesma decide usar sua filha mais velha, Maria das Dores, como moeda de troca. Foi então que a virgindade de Maria das Dores foi vendida ao feiticeiro Simba em troca de um feitiço que trouxesse o branco de volta para casa. Mas ele não cumpre com o combinado, toma Maria das Dores para ele, e não faz o feitiço para ajudar Delfina.

Depois de vender a filha, perder o branco Soares, perder o amor de sua filha Jacinta, Delfina não consegue compreender o porquê de tanto desprezo e tantas perdas “Delfina vê em si uma heroína. Não encontra nenhum mal em todos os seus actos” (CHIZIANE, 2008, p. 268). Diante de tantos acontecimentos ela decide realizar mais um sonho, um sonho antigo. Ela “reúne as últimas forças e ergue e realiza um sonho antigo: abrir um prostíbulo para fornecer raparigas virgens por encomenda” (CHIZIANE, 2008, p. 269). Essas mulheres vendiam-se por tão pouco,

apenas para ter alguns privilégios. Delfina voltou a ver o dinheiro correr em suas mãos.

Mesmo conseguindo realizar seus objetivos, tornar-se mulher de branco, ter tido filhos mulatos, ter visto o dinheiro correndo em suas mãos, Delfina ficou sozinha. Suas escolhas a levaram a um caminho de solidão. Até que um dia ela ouve uma voz que há muito tempo não escutava. Era José dos Montes que há mais de 30 anos havia sumido da vida dela. José dos Montes leva para ela uma notícia que Delfina não esperava ouvir, suas esperanças haviam sido perdidas naqueles anos de desaparecimento. Maria das Dores tinha regressado. “O quê? Ah? Mentos, José, mentos, não podes fazer uma coisa dessa! O que dizes tu? Maria das Dores? Onde está ela, onde, onde, onde?” (CHIZIANE, 2008, p. 316).

O reencontro de mãe e filha é marcado por uma retomada de lembranças. Delfina vê em sua filha as marcas do sofrimento, vê na sua filha um ser frágil e indefeso.

— Minha filha, meu anjo, minha primeira sorte! [...]
 — Minha mãe, minha mãe, mina mãe!
 Correm para os braços uma da outra num abraço fatal para se protegerem das vertigens. O mundo inteiro assiste à perfeita imagem do renascimento. Uma mãe dando à luz uma filha nova no corpo antigo. Uma filha dando forma e sentido à existência errante de uma mãe. (CHIZIANE, 2008, p.319-320).

Delfina agora está preenchida de felicidade. Ao reencontrar seus familiares ela renasce, sente-se liberta. Mesmo sentindo-se culpada por todos os acontecimentos, José dos Montes conforta-a e diz que a mulher teve seu papel importante na história. Para Memmi, “Renunciando à assimilação, a libertação do colonizado deve efetuar-se pela reconquista de si mesmo e de uma dignidade autônoma” (MEMMI, 1977, p.112).

Reforçamos nosso entendimento de que Delfina é uma metáfora usada pela escritora para mostrar o sofrimento de Moçambique ao enfrentar a colonização. Podemos perceber o quanto o povo sofreu com a assimilação, com as guerras, com a implantação das novas tradições, crenças, costumes. “É preciso destruir para construir, Delfina. A história do mundo é feita de barbaridades e de sangue. Vocês, mulheres, tiveram um papel-chave nesta história” (CHIZIANE, 2008, p. 330).

3.2 MARIA DAS DORES, A MULHER DE VÁRIAS DORES

O romance inicia com a imagem de uma mulher nua a beira do rio perto dos homens, causando um grande tumulto ao desafiar os costumes. Considerada louca, ela chega a ser apedrejada pela multidão furiosa: “Punhados de areia caem no corpo da mulher nua como chuva de granizo” (CHIZIANE, 2008, p. 16). Mesmo sendo maltratada pela multidão que a condenavam por sua atitude, a mulher do régulo, mulher sábia e procurada pelo povo por suas reflexões, defende-a e consegue trazer para aquele povo a esperança de um dia voltaram a ter a paz e tranquilidade que foram tomadas após a invasão. “Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada” (CHIZIANE, 2008, p. 22).

Podemos perceber diante das linhas escritas pela Paulina Chiziane o sonho de um povo que foi maltratada, hostilizado, perseguido. Alguns decidiram lutar contra seus próprios irmãos de cor, contra eles mesmos, mas aquela mulher, com toda sua sabedoria, soube despertar neles o sonho de ter tudo o que foi tomado. Nesse sentido, Bezerra e Duarte (2014, p. 88), contextualizam a situação da mulher na ficção de Chiziane na seguinte argumentação:

Ao tratar do tema da guerra entre irmãos, Chiziane problematiza a condição da mulher e sua posição na sociedade, conseguindo, segundo Inocência Mata, “harmonizar diferenças e construir a utopia da harmoniosa convivência entre valores tradicionais e outros advindos da tradição europeia” (MATA, 2000, p. 135), num universo marcado pela sua prática dinâmica como contadora e cantadora de histórias.

A pele de Maria das Dores encontra-se tatuada, marcada, mostrando suas origens “históricas, econômicas, sociais, etnias e seu gênero” (GONÇALVES, s/a, s/p). A partir da nudez dela a origem da Zambézia.

Há mensagens de perigo escondidas nas linhas nuas do corpo. Nos grãos de areia. Na Via Láctea. Nas barbas do sol. Nas pálpebras da lua. Nas pegadas de um pescador qualquer à beira do rio. Nas rajadas de vento. Esta mulher não veio ao acaso. Mensageira do destino mau (CHIZIANE, 2008, p. 15).

Maria das Dores anda sem destino, à procura dos seus três filhos que ela perdeu durante a Guerra Colonial. A louca do rio, como passou a ser chamada, continuou andando sem destino, à procura de Benedito, Fernando e Rosinha. A sua loucura já se tornou parte do seu eu, evitando as lembranças de um passado sofrido. Reprimindo-os como uma forma de evitá-los.

Aos 13 anos de idade, depois de ter sido trocada pela sua mãe por um feitiço, Maria das Dores é estuprada. Não é apenas no nome que ela carrega a dor, mas durante toda sua vida as dores estiveram presentes. Sem recordações do pai, desprezada pela mãe, tratada como escrava da própria irmã, privada do amor de uma família.

O homem ergue-se e segura Maria das Dores pela mão. Arrasta-a com firmeza até ao interior da palhota com uma máscara de vitória no rosto. Já estava preparado, de armas limpas e posicionadas para o combate. Foi directo à acção sem palavras inúteis. Lança sobre ela toda a energia de um homem no auge da vida, pássaro sedento na frescura do lago. Mergulha. Era o criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida da sua inspiração. Ser mulher é mesmo assim, não curta. Basta uma facada, uma dor e um grito (CHIZIANE, 2008, p. 255-256).

Naquele instante todos os sonhos, a infância e a inocência foram apagados da vida de Maria das Dores. A partir daquele instante sua sina tinha acabado de iniciar seu processo de degradação física e mental. Simba não cumpre seu trato com Delfina, e toma Maria das Dores como sua esposa. A partir daquele dia ela vai viver com ele e suas outras mulheres, pois ele era um polígamo. Depois de tornar-se prisioneira e ser drogada por Simba, Maria das Dores decide fugir daquela vida amarga que vivia e leva com ela seus três filhos. É no monte Namuli que ela decide recomeçar sua vida junto com os três filhos, longe de todos os sofrimentos e de todas as lembranças amargas, mas com o corpo e mente debilitados acaba perdendo seus filhos e a consciência.

De acordo com Santos, Maria das Dores perde sua própria identidade diante da perda dos seus filhos: “Já não sei bem de onde vim, nem para onde vou. Por vezes sinto que nunca nasci. Estarei ainda no teu ventre, minha mãe? Todos perguntam de onde venho. Querem saber o que sou, porque nada sou” (CHIZIANE, 2008, p. 17). Nesse discurso, percebemos a forma como a mulher é retratada no romance. Assim, é nesse contexto, que Spivak mostra um posicionamento de

silenciamento em relação à figura feminina, como está presente no fragmento a seguir:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2012, p.157).

Depois de anos andando sem destino, Maria das Dores reencontra seus filhos. O destino une-os novamente, mas eles não sabiam que era mãe e filhos. “A gestação une a mãe e o filho pelo cordão umbilical num corpo só. O parto separa-os e tornam-se dois” (CHIZIANE, 2008, p. 83). Os filhos de Maria das Dores retratam bem a mistura de culturas depois das invasões. Eles trazem em si a cultura do negro e do branco.

Fernando seguiu a carreira de médico, mas acreditava na magia, nas superstições.

O médico acreditava na magia dos montes. Nos mitos que se contam do sagrado e do profano, do mágico. Por isso escalava, regularmente, para se inspirar no fantástico residente no pico do Namuli. Acreditava também na magia do amor e remédio. O povo venerava o médico e diz que tem mãos mágicas. Basta ser tocado por ele para ser curado (CHIZIANE, 2008, p. 38).

Benedito tornou-se padre. “Ele só não assimilou os valores europeus [...] como também buscava arrebatá-lo o povo para que abandonasse suas crenças, sobretudo de ordem religiosa, e abraçasse as crenças orientais” (SANTOS, 2010, p. 62). O povo venerava o padre. Viam nele respeito e amor. O discurso dele era uma forma de assimilação.

O povo venera o padre Benedito e tece mitos à sua volta. Dizem que é mágico. Só o seu olhar cura todas as amarguras, por isso o povo inteiro desfila diante dele para ser apanhado no ponto de mira dos olhos milagrosos. Ele é um homem de ternura, de paixões profundas, de humildade extrema. De sorriso aberto e o peito fechado (CHIZIANE, 2008, p. 35).

Reafirmamos que nos fragmentos citados há o reflexo das duas culturas presentes na vida dos dois filhos de Maria das Dores. O médico, Fernando, faz

referência aos curandeiros do povo, ele acredita que a energia dos montes, na magia daquele lugar. Ele costuma curar seus enfermos com a terapia do amor e do remédio. Benedito, o padre, usa os seus discursos para convencer o povo a abandonar sua cultura e aceitar o processo de assimilação, mas ele não usa de força ou violência para que essa aceitação aconteça. Santos (2010) diz que ele usa do discurso repleto de amor e tolerância para convencer o povo, ele não esmaga a tradição dos negros.

Podemos perceber o quanto os laços maternos são fortes e como o destino contribui para o reencontro de uma mãe e seus filhos. Mesmo separados ainda pequenos de Maria das Dores ele voltam a reencontrar-se. Fernando e Benedito não procuravam mulheres que estivessem dispostas a casa, ou apenas ter uma noite de amor, eles estavam à procura de uma mãe ou uma irmã, uma mulher que pudesse preencher a lacuna que a separação da mãe fez em suas vidas.

Um dia o destino marca o reencontro verdadeiro entre mãe e filhos. O dia em que eles descobriram quem é a mulher que os perdeu nos montes Namuli. Um dia Maria das Dores recupera suas lembranças oprimidas pela tristeza e recupera, junto com o final das guerras, a sua vida.

Olha para os lados, como quem desperta de um grande sonho. Um espasmo enorme e sacode. O padre e o médico seguram-na com toda a força para que ela não fuja e conte tudo o que sabe.
— Chama o velho Simba para hipnotizá-la até acalmar, rápido! Ela está possessa – grita o médico.
Simba vem a correr e cura o transe. Maria acalma-se e desperta para a realidade que a rodeia (CHIZIANE, 2008, p. 305-306).

Depois de despertar para a realidade Maria das Dores começa a contar suas histórias. Ela narra toda a sua trajetória. São 25 anos de sofrimento, amargura, de ausência da realidade, de uma procura desnorteada pelos seus. Em seguida, Simba pergunta o nome verdadeiro dela e ela diz: Maria das Dores. A partir de então os seus destinos voltam a se cruzar. Simba reencontra o seu amor. “Maria das Dores se encanta. Nunca esperou ver um homem a chorar por ela, completamente perdido de amor” (CHIZIANE, 2008, p. 329).

Os seus filhos arregalam os olhos e já procuram traços conhecidos no corpo da mãe. Começam a procurar semelhanças com sua irmã Rosinha, e começam a entender que aquela era a mulher que eles tanto procuravam. Naquele dia Maria das

Dores a vida dela teve um novo recomeço. “Os pássaros do amanhecer cantam gurué, gurué. Maria das Dores sente um Dio de mel correndo pela boca, caindo directamente da nascente de um rio” (CHIZIANE, 2008, p. 309).

O romance de Chiziane traz no corpo da mulher a história da África, assim como a história de luta das mulheres. O final dos conflitos e o reencontro de personagens de uma grande narrativa repleta de sofrimento e dor, consegue hastear a bandeira da paz, procurando recuperar o tempo perdido, regando o amor presente nos laços que os unem. “São o passado e o presente beijando-se nas invisíveis fronteiras do futuro” (CHIZIANE, 2008, p. 334).

Considerações Finais

Conforme podemos perceber no decorrer dos nossos estudos, Chiziane nos mostra a história da África, mais especificamente de Moçambique, de uma forma poética e singular. Ao escolher mulheres frágeis, mas ao mesmo tempo fortes, podemos entender o quanto sofrido e difícil foi o período da colonização. Notamos o quão complicado foi abandonar suas origens e assimilar a cultura de outros povos. *O alegre canto da perdiz* reconstrói a história da Zambézia, dos Montes Namuli, a resistência do povo colonizado e sua liberdade no findar do período das guerras.

Chiziane, narra com riqueza de detalhes os acontecimentos marcantes durante a colonização e nos mostra o quanto o estabelecimento de novas culturas, tradições, crenças, religiões podem marcar a história de um povo. Encontramos personagens que se dividem entre assimilados e os que não absorveram os aspectos inseridos por um novo povo, e ainda os que nasceram em meio a essa transição e foram criados em meio a novos costumes.

O romance narra, através da figura feminina, as histórias dos antepassados ouvidas em conversas em volta de uma fogueira. Por meio da transfiguração dos corpos femininos podemos acompanhar as marcas deixadas pelo período de colonização

A mulher possui seu papel de suma importância, pois através delas compreendemos a luta do povo africano. Paulina Chiziane metaforiza poeticamente a mulher e a África ao citar as belezas e magias da terra da Zambézia e o poder e a sabedoria que a mulher tinha antes de conhecer o homem.

Depois de haver tanto sofrimento o findar do romance acontece por meio do encontro dos personagens e seu grito de liberdade. O encontro de Delfina e Maria das Dores narra bem à sensação que é a de voltar para os braços da mãe. Foi o que aconteceu com tantos filhos que foram deportados para viverem de maneira inadequada no período da escravidão, das mães que sofriam com a perda de seus filhos, do povo que foi calado e humilhado. Mesmo diante de marcas deixadas pelos colonizadores na terra e em seus corpos e almas, o povo vibrou e o “canto da perdiz” foi ouvido em todo o território africano.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEZERRA, Rosilda Alves; DUARTE, Zuleide. **A mulher moçambicana e a sua relação com a guerra em Ventos do Apocalipse**. Revista Mulemba – n. 10 UFRJ – Rio de Janeiro/Brasil/junho, 2014. (pp. 84-98)
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora, UNESP, 2009.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da Perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.
- COSTA, Pollyana dos Santos Silva. **Assimilação, identidade e memória na obra O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane**. 2013. 85 f. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- GONÇALVES, Anamália Fernandes; GUARDIA, La Adelaine. **Corpos transfigurados: Uma análise do corpo mestiço em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 215 - 226, jul./dez. 2010.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MIRANDA, Maria Geralda de. **Percursos e identidades culturais em países de língua portuguesa**. Universidade Estadual da Bahia, Campus de Ondina, 2011.
- PINTO, Alberto Oliveira. “O colonialismo e a ‘coisificação’ da mulher no cancionero de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa”. In MATA Inocência; PADILHA, Cavalcante. **A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Colibri, 2007, pp. 35-49.
- SECCO, Carmen Tindó; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África e Brasil: letras e laços vol. 2**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.
- SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.